ADVERTENCIA DA EMPREZA.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 8 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no Escriptorio da REVISTA, Rua dos Fanqueiros N.º 82, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NÓRA HYDRO-VELOCIDA-CENTRIFUGA.

2149 Acaba S. Magestade, de conceder ao Sr. Antonio José Gonçalves da Cunha, patente d'invenção, por 15 annos, pela sua Nóra Hydro-velocida-centrifuga. — Esta máchina, a que porventura se poderá mais popular e competentemente chamar *Nóra continua*, é uma faxa hydraulica, aperfeiçoada, muito mais simples e económica. A construcção perfeita das ródas dentadas, é sempre difficil, e dispendiosa. Havia-as na antiga faxa, não menos de quatro, em quanto a nóra contínua não tem se quer uma: e só algumas rodas e carretes, cuja mão d'obra póde cabalmente desempenhar qualquer carpinteiro. O cylindro, que gira debaixo d'agua, sendo fixo, na antiga máchina, torna indispensavel, que alguem desça ao fundo do poço, para o elevar ou descer; conforme variar em altura, a superficie primitiva do liquido. Com a nóra contínua, que a agua suba ou desça, pouco importa. Uma especie de jangada sustém o cylindro; e a mesma agua, que os sustém a ambos, os eléva ou desce, e com elles a faxa. Esta falta do antigo systema era grande. O Sr. Cunha não se contentou de a minorar, destruiu-a. Não aperfeiçoou, inventou. Aqui transluz innegavelmente o genio do artista.

A faxa era de lã; e só de lã devia ser (diziam): era preparada de certo modo particular, para resistir dentro d'agua (viu-se que não): só d'Inglaterra nos podia vir (tambem se dizia): é felizmente substituida por outra tecida de fèvera de côco, ou cáiro, mais barata do que a lã, mais duradoira que ella, (haja vista ás amarras dos navios); e que pela sua grande aspereza sustenta muito melhor a columna d'agua. Quando pára a força motriz da máchina, a agua, se a faxa é de lã, precipita-se d'um jacto; e pelo contrario, com a faxa moderna, cáe ao longo d'ella, figurando uma especie de fita ondeada, e seguindo uma linha tortuosa, que demora a queda. — Dirão, que as cordas de cáiro já são velhas. Que não se fez mais, do que transportar a amarra do navio, para a nóra. Ahi mesmo é que está a invenção: — no applicar das coisas. Votava-se exclusivamente pela faxa de lã, e vinda d'Inglaterra; mas o bom do portuguez, que tambem tem seu orgulho, e Deus lh'o conserve, não se quiz dar por vencido, só com o *ipse dixit*; duvidou, tentou, e finalmente, tambem achou. ¿Mas porque meio? Com trabalho? Vae ao cordoeiro, para que lhe fie uma pouca de fevera de côco; corre uns e outros, e todos se negam á *grandissima* difficuldade, dizem elles, como diz o geral da nossa gente, sempre teimosa, em não querer passar da cèpa torta. Volta o Sr. Cunha: e fé por sua mão —; elle curioso! — aquillo, a que mestres se não atrevem. Ainda mais: elle mesmo tece a sua faxa; apparelha e assenta as differentes peças de ferro e madeira; em summa; concebe, traça, e executa. Vem depois os embaraços pecuniarios. — Um privilegio anda pelas suas 12 moedas. Ainda assim, o Sr. Cunha, por si ou por alguem, venceu a barreira de oiro. ¿Mas quantos artistas de mérito não haverá, que só por se lembrarem do privilegio, nada emprendam? É realmente custoso: e a lei faria melhor, quanto a nós, se emvez, de para logo, exigir qualquer contribuição, ainda antes do artista colher fructo do seu trabalho, sem probabilidade talvez de o vir a alcançar, concedesse privilegio gratuito, durante um certo tempo; um anno, por exemplo, e findo elle obrigasse o auctor ao pagamento da quantia determinada, toda a vez, que quizesse continuar a ser privilegiado; o que era uma próva do seu lucro. Este alvitre serviria de animar os nossos artistas como convém; sem que, por isso, diminuisse a receita da nação; porque, infelizmente, são poucos os novos descobrimentos.

Além dos aperfeiçoamentos, que apontámos, ha um essencial: descobriu o Sr. Cunha, pelas suas repetidas experiencias, qual a melhor proporção para uma dada altura, entre a força e a largura da faxa. Circumstancia importantissima, que faltava á antiga máchina. — Diremos, por ultimo, que vimos, e até trabalhámos com uma nóra contínua, que para experiencia, construíra o Sr. Cunha, em o seu quintal, na Travessa da Portugueza, ás Chagas, n.º 42; onde os curiosos, a poderão vêr e avaliar. A agua do poço sóbe a 75 palmos e meio; e com a força ordinaria de um homem obtem-se n'uma hora quatro pipas d'agua, com uma faxa, da pequena largura de 10 linhas. Uma nóra contínua, para a força d'um boi, poderá vir a custar o mesmo, ou talvez menos, do que a nóra ordinaria 100$000 réis, quando muito; em quanto a faxa hydraulica, se vendia por 350$000 réis. — As nóras de mão devem custar de 10 moedas até 5, ou menos, confórme a altura e o local. — ¿¡ Ainda triumpharão d'esta vez, essas velhas fabricas moiriscas, ronceiras, e imperfeitas?! Se triumpham, declaro que, ha dentro d'ellas, moira encantada: e se não. . . . — Lavradores, e proprietarios portuguezes, protegei a vossa industria. — Quebrae o encantamento á moira! *J. da C. Cascaes.*

CULTURA DA SEDA.

(Concluido de pag. 590 do II Tomo)

IV.

Creação dos bichos.

2150 Sendo, como é, o bicho da seda oriundo de climas mais quentes, do que estes para onde o trouxeram, não póde cá prescindir de certo tracto artificial. Na China e India nasce, cresce, fia e faz tudo ao ar livre, sem nenhum perigo, por serem lá rarissimas as chuvas e tempestades. A amoreira, a cuja sombra nascem, é a sua patria, a sua caza, a sua meza, a sua fábrica, o theatro, em summa, de toda a sua variada existencia. Entre nós é indispensavel valer de estufa ou fogão graduado, para que os insectos sáiam dos ovos e cresçam pelo menos nas suas primeiras tres edades. Somos obrigados a ter logares es-

paçosos para os abrigarmos da crueza dos ares, e das trovoadas e temporaes, que são frequentes.

É bem natural que estas artificialidades algumas vezes tambem occasionem suas desvantagens; e succede: pelo que em muitos casos na força do verão, não ha remedio senão accudir a outros expedientes, para lhes refrescar os ares e renovar-lh'os; por exemplo, abrir duas janellas em correspondencia, e queimar na caza papeis ou palhas para estabelecer uma corrente de ar. Natural é tambem, que sendo este delicado insecto, creado por um modo, que ás vezes é contrario á sua natureza, fique sugeito a enfermidades, que não raro degeneram em achaques incuraveis, e vem a destruir os resultados das esperançosas fadigas dos creadores.

É portanto regra essencial que nos affastemos o menos, que ser possa, do theor seguido pela natureza na creação d'estes industriosos animaes. Que se logrem sempre de ar ventilado, puro, e amoroso para os pequeninos medrarem. O aceio, mais prolixo, é outro ponto capital, para o que se não hão-de consentir na caza os retraços das folhas pastadas e mais lixo, que inficcionam a respiração.

A qualidade e quantidade do mantimento tambem requerem cuidado. Os bichos, com terem tão curta vida, quatro vezes mudam a pelle, por onde se contam as suas edades: até á terceira edade deve o pasto ser de folhas tenras, viçosissimas e migadas com uma faca bem afiada. D'ahi ávante fazem-se golotões, e antes querem folha mais macissa e forte, e inteira. As folhas petisseccas ou húmidas, ou já entradas de uma tal ou qual fermentação, são para elles veneno, que lhes occasiona dysentherías e até ás vezes hydropisías.

Tornamos a dizer que são voracissimos, porém escrupulosos; o seu alimento deve ser bom e abundante, mas dado por muitas vezes ao dia, e não por juncto, por evitar fermentação, que, já fica tocado, ser muito nociva.

Ao tempo das mudas está o bicho, como doente, muito inerte e esmorecido; como nada faz e pouco despende, pouco de comer se lhe deve pôr.

Tem-se calculado que os bichos nascidos de uma onça de semente, que andarão por obra de 36 mil cabeças, gastam no decurso de sua vida, pelo menos, mil e quatrocentos arrateis de folha; dois terços de cuja quantidade são consumidos desde a quarta muda até ao fabríco do cazúlo.

Por volta dos dez dias depois da dicta muda, perde o bicho o appetite, faz-se amarellado na parte posterior do corpo; mostra-se dessocegado e desejoso de desamparar o taboleiro nativo e as trepadeiras, com que se recreava. Não ha então que perder tempo; faz-se-lhe uma especie de sebe de chamiça ou de carvalho bem secco em derredor do taboleiro, e egualmente por dentro d'elle suas divisões de vara a vara, ficando assim os moradores divididos uns de outros, cada bando em seu aposento. Então os bichos, namorados do cheiro d'estes vegetaes, não tardam em se ir trepando e apegando pelas sébesinhas para fabricar, ao longo d'ellas, os seus prateados e doirados tumulos e berços de seda. N'este prazo, sobre tudo, é que mais importa trazer a caza bem arejada, varrida e livre de máu cheiro.

Por muito tempo se creu errôneamente entre os agricultores, que não havia crear-se bicho de seda fóra de certos paizes privilegiados, que demoram entre 39° e 42° de latitude: não bastando para dissipar esta preoccupação o saber-se como prosperam na China, nas Philipinas, em Bengala, e em muitas outras partes da India e Persia. Relancêem a vista por essa Europa toda, e acharão, como, de poucos annos a esta parte, se tem introduzido e dilatado esta industria em Allemanha, na Suecia, e até na Russia.

Preparando-se caza propria e observando n'ella as regras, tem-se uma athmosphera de 70° a 90° segundo as edades e necessidades dos bichos. Temperatura inferior a 70°, atraza-os: para cima de 90°, debilita-os; e dá-lhes uma doença, que em italiano se chama *negróne*.

Escolher boa semente é artigo essencialissimo. — Deve esta ter sido produzida por borboletas, saídas dos cazúlos mais formosos, sãos, e fortes; recebida em pannos de linho puros e perfumados; e guardada em logar, um tanto escuro e fresco, onde se deixa ficar até entradas da primavera: em cuja estação se expõe a uma temperatura mais agradavel e progressivamente mais quente, até ao momento de se metter na camara com estufa, para sairem todos os bichinhos a um tempo e de modo uniforme.

Tem a experiencia mostrado, que a semente, creada em climas propendentes para frios, vem depois a saír muito bem em ares mais quentes: ao mesmo passo que a d'estes, em a transportando para aquelles, produz mal ou degenéra.

Aldêas ha em Italia que teem fama no commercio pela excellencia da semente, que se lá cria: n'ellas o rustico, mais rustico, forcêja quanto póde por ajunctar porção, que, vendida, o mantenha a elle e á sua familia.

Ha poucos annos ainda, usavam n'essas partes os cultivadores levar as sementes dos bichos, antes de a metter para a estufa, a alguma capella ou altar de milagrosa nomeada, onde algum *dom frei velhaco* lh'a benzia, colhendo boa çafra de esmolas para o convento ou para si. D'aquella só pratica supersticiosa faziam os serranos boçaes dos Alpes e Appeninos depender o bom exito e succedimento do fructo dos seus cazúlos. Mas depois que a luz philosophica affugentou muito fanatismo e embuste, que enxovalhavam a verdadeira religião, e empéciam ao desinvolvimento do bom senso e ao progresso dos interesses terrestres, ficaram sendo suppridos os officios dos frades benzilhões pelas obras didacticas de Pitaro, de Verri, de Dândolo e outros taes preceptistas, com grande vantagem para a classe agrícola. *L. W. Tinelli.*

—

O auctor dos artigos, que deixamos impressos, não pertendeu fazer n'elles um tractado miudo e completo da arte seropédica. Tal obra, que n'um pequeno jornal como este, sería descabida, mas que tamanha utilidade podia causar ao publico, e para a qual ninguem mais do que o Sr. Tinelli se achava habilitado, elle mesmo felizmente a escreveu em fórma de manual, em que se contém todos os preceitos e regras concernentes ao assumpto, expostos com methodo e clareza.

Aqui damos o seu programma já impresso.

A ARTE SEROPEDICA.

Tractado contendo os mais necessarios preceitos, e todas as instrucções para a cultura da sêda.

Por L. Tinelli, membro do instituto Americano, do insti-

tuto nacional de sciencias e artes de Washington, da associação philosophico-agronomica de Boston etc. etc. etc.

INTRODUCÇÃO.

PARTE I. — Das differentes qualidades de amoreiras — A amoreira *Macrophilla* de cantão e a *Multicaulis* das ilhas Philippinas, recentemente introduzidas na Europa. — Do clima, das localidades e das qualidades do terreno mais proprias para a cultura das amoreiras — Propagação das amoreiras — Plantação das amoreiras em viveiro, a sébe, a bosquête, e em arvores de alto portamento.

PARTE II. — Creação dos bichos da sêda — Semente e como se deve fazer nascer — Tractamento dos bichos na primeira, segunda e terceira edade — Tractamento dos bichos na quarta e quinta edade — Enfermidades e molestias dos bichos; modo de as curar e previnir — Disposições geraes dos quartos para a creação dos bichos — Dos cazulos — Conservação dos mesmos — Modo de suffocar as chrisalidas.

PARTE III. — Importancia de uma exacta fiação dos cazulos — Methodo Italiano e Piemontez — Ingenho Piemontez aperfeiçoado — Temperatura da agua necessaria para a fiação dos cazulos — Methodo a vapor — Methodo a baixa temperatura — Principios geraes para produzir sêda perfeita, de um fio egual e de boa côr.

Este tractado será escripto em lingoagem corrente, e intelligivel a todas as capacidades. Publicar-se-ha logo que haja sufficiente numero de assignaturas, que cubram a despeza da impressão. Conterá coisa de 200 paginas em 12.°, e o preço da assignatura é de 240 réis.

Subscreve-se no escriptorio da Coallisão, rua de Santo Antonio n.° 56, e na loja de Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros n.° 12.

MODO DE FABRICAR MANTEIGA.

(Vem de pag. 26.)

2151 A fabricação da manteiga requer o mais escrupuloso aceio. Deve haver grande cuidado na limpeza dos curraes e das vaccas: estas hão-de ser lavadas todos os dias pela manhã; e conservar-se-lhes-ha sempre matto limpo debaixo dos pés, para que se não deitem sobre estrume; aliás sairá a manteiga com um insoffrivel sáibo. Os vasos, que ao leite hão-de servir, devem ser egualmente aceados, lavando-se com agua a ferver, depois de despejados, e outra vez com agua fria antes de se tornarem a encher.

Para se obter a nata, deposita-se o leite em alguidares de barro vidrado, que se collocam em uma meza em caza bastante fresca e arejada. Conserva-se alli o leite por espaço de cinco ou seis dias, e durante este periodo se lhe vae extraindo a nata que se vae junctando.

Dois são os instrumentos de que vulgarmente se usa para fabricar a manteiga; o primeiro é um balde de madeira de pinho de fórma alongada, onde gira um batedor, que se faz mover por meio d'uma engrenagem a que anda juncta uma manivéla. O segundo mais simples e de melhor resultado é um balde de fórma ainda mais alongada e com a bocca mais estreita que o fundo; tendo por batedor uma rodéla de páu, que entra justa pela bocca do balde, crivada de buracos, do diametro de meia polegada cada um, com o seu competente cabo que se eleva bem acima da tampa do balde, passando por um buraco que para este fim ha na mesma, e no qual anda quasi justo. O tamanho do balde deve ser em proporção da quantidade de manteiga que houver para fazer; mas sempre de fórma que a nata não se eleve muito acima do fundo do mesmo. N'elle se lança a nata e se agita, batendo sem parar, até que se conheça que a manteiga se formou. Tira-se logo a manteiga para fóra do balde, e se deita em um vaso que deve conter quantidade d'agua sufficiente para a manteiga ficar affogada; e se procede á lavagem, que deve continuar até que inteiramente esteja livre do sôro. Durante esta, deve haver todo o cuidado em livrar a manteiga do contacto do ar, por este a poder corromper uma vez que n'ella se introduza, o que facilmente se evita fazendo entrar continuamente agua nova para dentro do vaso da lavagem, e deixando-a saír por um buraco que deve haver no fundo. Concluida a lavagem, o que se conhece quando a agua sáe inteiramente clara, deita-se a manteiga em um panno de linho bem tapado, e se torce apertando-o bem, a fim de extraír todas as particulas d'agua; e logo se deita em salmoira, que deve já estar preparada. Alli se conserva perfeitamente para os usos communs, e quando se queira mais salgada, vae-se salgando á proporção que se tira para comer.

Para o commercio, deve tirar-se da salmoira e salgar-se em barricas de madeira de castanho, operação que requer todo o cuidado e limpeza. Para se fazerem as barricas, procura-se madeira bem secca, apparelha-se, e merguiha-se em agua muito salgada por decurso de vinte dias; depois tira-se, armam-se as barricas, as quaes em estando seccas ficam aptas para n'ellas se salgar a manteiga. Esta condição é muito essencial, e a ommissão d'ella faria, com que em pouco tempo se tornasse a manteiga rançosa, o que além de ser perjudicial á saude, lhe faria diminuir o valor.

O modo de crear as vitéllas tambem é importante, e em geral ignoram-n'o entre nós, por isso diremos d'elle alguma coisa.

É commum deixarem-se as crias em companhia das mães: isto faz com que o leite seja mamado e falte para a manteiga. Para obstar a este desfalque é necessario que logo ao terceiro dia, depois de nascer a cria, se aparte da mãe para longe, para que essa a não oiça; e lá se vae alimentando com o leite de que já se tem extraído a manteiga, aquecido ao lume, ou com mistura d'agua quente. Ao principio é costume deitar-se-lhes o leite pela bocca por um funil, mas passado algum tempo se costumam a beber; e assim se vão creando admiravelmente; e depois de chegarem a um certo tamanho se junctam á manada. Ás vaccas é sempre custoso separarem-se da sua primeira cria, mas depois acostumam-se, e se tira d'ellas todo o proveito possivel.

Recommendâmos tambem que se conserve a legitimidade das raças, porque uma vez misturadas com as nossas vaccas bravías, degeneram, e então nem dão tanto leite, nem tão bom. Conviria a quem quizesse ter creação em ponto grande, mandar vir de Hamburgo ou de Hollanda algumas vaccas, porque sendo aquelles os paizes onde as ha melhores, cruzando as nossas com aquellas, se formariam excellentes raças, do que se tiraria muito bom resultado.

Thomar 12 de agosto de 1843.

Pedro de Roure Pietra.

PINHEIRAES.

2152 Da cultura dos pinhaes não só se tira um interesse absoluto mas tambem relativo; por quanto todas as plantações, expostas ao vento Norte, padecem na sua vegetação: n'este caso está toda a costa maritima de Portugal: em prova d'isto observei eu na pe-

quena Peninsula de Peniche que para abrigo das muitas vinhas, que existem ao norte da mesma, é preciso usar do immenso trabalho dos caniços, que sem darem interesse algum mais que o abrigo d'estas, é preciso renovarem-se a miudo com grande dispendio: sendo porém o pinheiro quasi a unica arvore capaz de vegetar em terrenos arenosos, parece incrivel, (fallando agora d'esta pequena, porém interessante Praça do Reino de Portugal) tenha decorrido uma tão longa serie de annos, sem que o governador haja tido a lembrança, de fazer semear a ilha d'estas ou outras quaesquer arvores, que além de servirem para lenhas para a mesma (pois todas vem de fóra) e n'um caso de cerco não as tem nem para quinze dias, defenderiam a ilha pela parte do forte da areia do Sul, forte da areia do Norte, forte da luz e quebrada: guarnecidos estes pontos com arvoredos tornava-se esta praça, além das outras vantagens, quasi inexpugnavel. E eis-aqui como um bom militar faria grandes serviços á nossa amada Patria, prevenindo durante a paz, o que se não póde fazer durante a guerra. O grande areal, que separa esta peninsula, podia com grande interesse semear-se de pinhal (não digo no todo, porque conheço que uma porção deve ficar descoberta em frente das muralhas da praça) porém tendo na menor parte uma legoa, n'outra uma e meia, e ao longo da costa muitas, segue-se que o transito custa alli immenso, uma muar em qualquer rua de Lisboa conduz (sem exaggeração) mais pêso, do que naquelles areaes duas junctas de bois.

Ora tudo isto se podia remediar com muita facilidade; está na mão do Exm.° Ministro do Reino: era fazer: que se encarregassem as Camaras Municipaes cada uma dos seus respectivos municipios para vigiarem sobre este importante ramo d'agricultura, dando-lhes regras fixas, a que se ligassem (com responsabilidade propria); destribuindo assim premios a todo e qualquer cidadão que se esmerasse, e castigando a todo aquelle que estando nas circunstancias de melhorar este importante ramo, se mostrasse negligente.

CAMINHOS MUNICIPAES.

2153 Entre os objectos, que assignalam o zelo e patriotismo das camaras municipaes, tem o primeiro logar os caminhos, ou sejam os geraes, que atravessam e servem os districtos dos concelhos nas suas respectivas direcções, ou os especiaes, que servem as freguezias, e aldêas até se metterem nos geraes.

Dos referidos caminhos, os primeiros recommendam-se por servirem ao tracto commum do municipio, e conducção dos productos de toda a especie de industria aos mercados: os segundos, por servirem immediatamente á cultura das terras, colheita, e transporte dos seus diversos productos, que alimentam e fornecem os mercados: estes caminhos denominam-se propriamente *ruraes* ou *campestres*, e são objecto de providencias particulares nos paizes, aonde a agricultura se aprecia e florece como baze, que é, da sustentação, e principal industria, e riqueza das nações civilisadas.

Na ordenação do reino liv. 1.° tit. 66 está o regimento dos vereadores, que lhes encarrega efficazmente a feitura, reparo, e conservação dos caminhos municipaes, applicando para essas despezas os precisos rendimentos do municipio, e recorrendo a *fintas* se os rendimentos do concelho não bastarem.

Esta é a mesma disposição que hoje rege pelo codigo administrativo, com a differença de que, emvez de *fintas*, são as camaras municipaes auctorisadas a lançar contribuições em dinheiro, ou em serviços, ou em uma e outra coisa, se os rendimentos do concelho não forem sufficientes.

São poucos os concelhos com rendas bastantes para as suas despezas, por isso o maximo numero das camaras municipaes tem de recorrer á contribuição para provêr aos caminhos; e de satisfazer ás intenções da lei, e ao seu character de chefes da familia municipal para que essas contribuições sejam as mais suaves, e sempre combinadas com a maior commodidade e interesse dos contribuintes.

Tudo isto se conseguirá, se as obras dos caminhos se fizerem nos intervallos desoccupados dos trabalhos da lavoira, em que os contribuintes possam mais facilmente concorrer com suas pessoas, serviços, e carros; se se guardar perfeita egualdade segundo a especie de contribuição; se os habitantes das freguezias, e aldêas ruraes fôrem dedicados ás obras dos seus respectivos caminhos, e justo contingente para as dos caminhos geraes, que lhes ficarem mais proximos, e de que fizerem maior uso.

Quanto aos caminhos os seus requesitos consistem: 1.° em os *geraes* terem largura bastante para caberem e poderem passar, a par, dois carros carregados, que se encontrem em direcção opposta, ou dois na mesma direcção, mas um dos quaes vá mais depressa; e os *especiaes* terem capacidade sufficiente para o serviço desafogado de um carro do maior tamanho, e mais volumosa carrada que possa transportar, e de distancia em distancia haver uma margem, por onde possa passar a par outro carro em direcção opposta, ou que leve marcha mais veloz na mesma direcção: 2.° em serem planos quanto fôr possivel, cortando-se-lhes, e rebaixando-se-lhes as elevações, que os atravessarem, e terraplanando os baixos entre duas elevações com os entulhos tirados d'alli, e outros mais proximos; e em serem, e se conservarem em todo o caso sem pantanos, covas, e precipicios, em que se atolem, ou periguem as pessoas, animaes, ou transportes: 3.° em terem escoantes para as aguas das chuvas ou nativas; e serem acautelados contra as torrentes das aguas dos montes ou oiteiros que lhes fiquem superiores, ou transbordamentos nos sitios baixos: 4.° em terem uma superficie sólida e enxuta, formada, onde fôr preciso, com camadas de cascalho, seixo miudo, ou arêa grossa, que se achem mais á mão, e com o que ao mesmo tempo se desobstruem, limpam, e beneficiam os terrenos e sitios, d'onde se tiram esses materiaes, ou outros equivalentes.

Em todos estes trabalhos e serviços o principal artigo é o dos carros para remover, mudar, ou conduzir entulhos, ou pedra, e chegar os materiaes proprios para cobrir a superficie dos caminhos; a boa razão e conveniencia pedem, que esses carros sejam ministrados commoda e egualmente pelos carreiros, e lavradores mais proximos, e para quem mais immediatamente servem e aproveitam os caminhos.

Os bons caminhos são em todos os casos particularmente uteis aos proprietarios confinantes, e frequentemente acontecerá, que os entulhos das obras lhes sirvam e aproveitem para formarem, ou reforçarem vallados ou tapumes das suas fazendas; pelo que, os

proprietarios confinantes, guiados pelo seu interesse, e espirito de união e boa visinhança, serão os primeiros não só a concorrer espontaneamente para os caminhos, mas a sollicitar que se façam, aperfeiçoem, reparem, e conservem.

É por estes meios, e d'esta sorte, que ao zêlo e patriotismo das camaras municipaes se proporciona o empenho, e a gloria de proverem com bons caminhos ás communicações, tracto, giro, e desinvolvimento do commercio, e agricultura dos seus districtos.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

PEQUENA MACHINA DE GRANDISSIMO VALOR.

2154 A ser certo o que lemos no *Courier de Lion*, merece ser mencionado entre os bons inventos, o de M. N. B. Consiste em uma pequena bóia forrada de panno de linho, que terá quando muito um palmo de diametro, com a qual ainda os mais timidos, e os mais ignorantes da arte de nadar poderão cursar os rios, e atravessar suas correntes sem risco, e sem lhes ser necessario desembaraçarem-se dos vestidos. A simplicidade, o pequeno volume da machina estão promettendo uma grandissima applicação aos usos e necessidades da vida. — Será mais um contrapêso á fardagem do soldado, quando houver de fazer marchas; e não lhe poderá ser nem de mais pejamento, nem de maior pêso que a *marmita* ou *patrona*. Tambem um numero sufficiente d'estas bóias livrará as embarcações de se irem a pique.

Não nos alargaremos mais em apontar outras vantagens d'este ingenhoso invento, emquanto não formos informados das experiencias, por que ía passar, segundo diz aquelle jornal; e dos quaes, já é obrigação sua, dar-nos conta, para tambem nós nos desobrigarmos para com nossos leitores.

Silva Negrão.

TECHNOLOGIA.

NODOAS.

2155 Para satisfação do que promettemos no n.º 47 do Tomo II d'este jornal, concluiremos hoje os nossos artigos sobre as nodoas e methodo de as tirar, dando varias receitas para se obterem substancias proprias para este fim, e tractando de outras circumstancias para inteiro complemento d'este nosso trabalho, de certo mui pouco importante, mas que acreditâmos de geral utilidade.

Todos sabem que os álcalis especialmente causticos, combinando-se facilmente com os corpos oleosos ou gordurentos, formam diversas especies de sabão, que se dissolvem perfeitamente n'agua; mas estas substancias alteram consideravelmente os tecidos de lã e seda, e estragam as côres, por isso não convem usar d'ellas: em seu logar, e com muito melhor resultado poderemos servir-nos da *massa de limpar*, de que ha differentes receitas — daremos a mais approvada:

Tome-se uma porção de grêda, lave-se muito bem até lhe tirar toda a arêa, e pesem-se dois arrateis; misture-se-lhe meia-libra de soda e egual pêso de sabão, oito gemmas d'ovo bem batidas com outra meia-libra de fel de vacca purificado. O sabão será primeiro misturado e moido com a soda na pedra, assim como se moem as tinctas, humedecendo de vez em quando com as gemmas d'ovo e fel de vacca misturados. Ajuncte-se depois a grêda pouco a pouco, e moendo sempre, faça-se de tudo isto uma massa, que se poderá dividir em porções do tamanho e fórma que se quizer. Deixa-se seccar, e quando é necessario usar d'ella, raspa-se com uma faca, faz-se uma massinha com agua e estende-se por cima da nodoa; deixa-se assim seccar bem, e escova-se.

Faz-se tambem um liquido para tirar as nodoas gordurentas e oleosas, cuja receita é a seguinte:

Deita-se n'uma vasilha vidrada, coisa de meia canada d'agua pouco quente; ajunctam-se-lhe duas onças de sabão branco cortado em raspas e uma onça de boa soda bem moida. Quando tudo está perfeitamente dissolvido, deitam-se-lhe duas colheres de sôpa de fel de vacca purificado, e uma pouca d'essencia de alfazema. Mexe-se tudo muito bem, côa-se por um panno, e guarda-se n'uma garrafa bem tapada. Na occasião de se fazer uso d'este liquido derrama-se com cautella em cima da nodoa, escova-se muito bem, e lava-se depois com agua morna, não só o logar da nodoa mas todo o espaço que foi molhado pelo liquido. Com elle se tiram todas as nodoas vegetaes; mas quando n'estas entra o oxido de ferro, emprega-se tambem o acido oxálico dissolvido n'agua.

Este acido é reduzido a pó, e com elle se cobre a nodoa, que primeiramente se tem molhado com uma esponja, e o acido dissolve-se esfregando-se com a ponta do dedo por cima. Tambem se póde fazer a dissolução fóra, e molhar com ella a nodoa; em ambos os casos é indispensavel a lavagem depois com agua pura.

A *essencia de terebinthina* emprega-se nos tecidos perfeitamente seccos, e com uma esponja, ou um pouco d'algodão em rama, que se esfrega por cima da nodoa, que sae logo, mas é necessario cobrir immediatamente todo o logar que se molha com grêda em pó, ou cinza passada por uma peneira de seda. Sem esta precaução appareceria uma mancha em roda da nodoa tão grande como a parte molhada pelo essencia.

O *gaz acido sulphuroso* faz-se na occasião de o querer empregar. Quando as nodoas são muito grandes, ou ha muita roupa a que as tirar, dependura-se toda n'um quarto bem fechado, põe-se no chão um fogareiro com brazas, e em cima d'estas brazas deita-se uma cápsula do tamanho que pareça necessario, chêa de flor d'enxofre, e sae-se immediatamente do quarto fechando a porta.

O gaz acido sulphuroso que se desinvolve opéra sobre a roupa e tira as nodoas. Mas quando a nodoa é pequena, faz-se um canudo de papelão estreito n'uma extremidade e mais largo na outra, onde se fazem tres buraquinhos para entrar o ar, a fim de fazer arder a flor d'enxofre que se deita dentro em pouca quantidade. Este canudo põe-se ao calor do lume, applicando a sua extremidade mais estreita á nodoa, não muito chegada, e o gaz desinvolvido opéra excellentemente.

O *fel de vacca purificado* deita-se n'uma porção d'agua egual ao seu volume, bate-se muito bem, encharcam-se as nodoas com este liquido, depois esfregam-se á mão como quem ensabôa, até sairem, e ultimamente lava-se tudo muito bem com agua simples.

Torna-se o lustro aos tecidos de seda que o perderam pela operação de lhes tirar as nodoas, por meio

da gomma tragacanto (adragante) bem branca, dissolvida n'agua morna. Misture-se com sufficiente porção d'agua e côe-se por um panno: molha-se o tecido n'esta agua levemente gommosa, e põe-se depois a seccar na rama.

A *rama* é um quadrado solido de madeira, no qual se préga muito bem um panno bem estendido, em cima d'este panno préga-se com alfinetes o tecido que se acabou de passar pela gomma, puxando-o em todas as direcções, e assim se deixa enxugar que ficará com bom lustro.

As fitas lustram-se com colla de peixe mui leve, mas não se põem na rama a enxugar. A fita mette-se entre duas folhas de papel, põe-se tudo em cima de uma meza coberta com um cobertor, e põe-se um ferro quente sobre o papel que cobre a fita: emquanto uma pessoa carrega no ferro, outra vae puxando pela fita em linha recta, e assim fica bem lustrada.

Finalmente quando se não póde de todo conseguir tirar as nodoas, ou pela qualidade d'estas, ou por se lhe haver errado a applicação da substancia propria, ou emfim porque a côr do tecido não póde resistir á operação; então é necessario tingir de novo o tecido. Mas é impossivel poder dizer tudo n'estes pequenos artigos: quem quizer ficar plenamente satisfeito sobre este objecto, deve consultar a obra por mim já indicada no primeiro artigo, que escrevi sobre nodoas, intitulada *Manuel pratique de l'art du degraisseur*.

Silva Leal.

MAIS UMA EXTRACÇÃO DE CALCULOS VESICAES PELO DOCTOR PEREIRA.

(Carta.)

2156 Em outro escripto tivémos o gosto de tributar nossos elogios a alguns dos eximios operadores do Hospital de S. José, entre os quaes o Doctor Pereira occupa um distincto e elevado logar na nobre profissão, que exerce em proveito da humanidade afflicta, e ás vezes desvalida, e com honra da Nação, a que pertence.

Deu-nos hoje curiosidade de ir visitar o Hospital de S. José, a hora que os seus facultativos costumam soccorrer os doentes; — muito feliz foi a occasião, porque era dia, que o Doctor Pereira havia destinado para executar em um dos seus doentes (que nos pareceu ser da edade de 20 annos, ou pouco mais, e de baixa condição) a operação de lithotomia, extraíndo dois calculos, sendo um d'elles do tamanho d'um ovo de gallinha, pesando duas onças e meia; e representando o outro um segmento de esphera de polegada e meia de diametro, tendo de altura duas a tres linhas, e pesando duas oitavas. O processo, que seguiu o Doctor Pereira para a extracção d'estes calculos, foi o *perineo-lateral esquerdo*. — Com tanta *segurança*, *simplicidade*, e *rapidez* foi executada esta operação, que julgamos não gastaria *tres minutos* desde o momento da primeira incisão cutânea até á extracção do primeiro calculo, que era o menor. Porém a extracção do segundo foi algum tanto demorada, o que aliás o sábio operador poderia talvez ter evitado, se porventura quizesse quebrar o calculo dentro da bexiga. Porém motivos fortes induzem, sem duvida, este operador a não seguir esta pratica recommendada por alguem. Em outra occasião diremos a este respeito nosso pensar, que provavelmente irá confirmar quanto é funesto o resultado, que elle diz ter presenciado em alguns casos, em que havia fracturado os calculos vesicaes. — A grande contracção da bexiga desafiada por estimulos mechanicos, (necessarios n'esta occasião), e por contracções violentas do abdómen do doente, fazia que a pinça não podesse segurar o calculo no logar devido, e então admirámos nós no operador o seu grande tino e tacto cirurgico, reunido aos seus conhecimentos physiologicos, de que tanta utilidade tira a medicina e cirurgia; porque com rapidez e destreza, tendo conseguido manualmente o prolapso do esphinter anal, provocando por sympathia a relaxação da bexiga, aproveitou com feliz exito esta occasião para segurar entre os dentes da pinça o calculo, que immediatamente foi extraído.

Logo que obtenhamos a historia dos padecimentos d'este doente, promettemos dar ao publico nosso juizo critico sobre o processo seguido pelo Doctor Pereira, acompanhado d'uma narração fiel de todas as circumstancias, que appareceram n'esta occasião: e então não nos faltará espaço e vagar para tecer os devidos encomios a um portuguez tão conhecido no paiz, e na Europa; e cujos merecimentos só poderiam ser bem avaliados por Altus Cooper, e Dupuytren. — Frageis são nossos loiros para coroar o Doctor Pereira. — Pennas habeis, e pessoas de todas as condições o respeitam como um operador portuguez, que em nada é inferior a outros estrangeiros, cujos nomes são venerados na Europa. — E nós por ora só lhe dedicamos as seguintes palavras d'um celebre escriptor allemão muito conhecido entre nós: — *La plus haute mission de l'homme après celle du service des autels, est d'etre prêtre du feu sacré de la vie, dispensateur des plus beaux dons de Dieu, et maître de forces occultes de la nature, c'est-à-dire, d'être médecin.*

Lisboa 19 de septembro de 1843.

Um seu Assignante, e Admirador do Doctor Pereira.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A EGREJA DE SANCTOS-O-VELHO — A ORDEM DE SANCTIAGO DA ESPADA.

1 DE OCTUBRO DE 307.

Oh! quem vê hoje na ponteada caza
De aperaltada, esguia casaquinha,
Brilhar a mesma cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e gloria, que pendêra
D'aureo collar em peitos d'aço duro;
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam:
Quem a vê hoje — a cruz sancta de Christo,
Pendão de gloria, que guiou no oriente
Castro, Albuquerque e Vasco — a roxa espada
De Sanctiago, que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve — penduradas
Pelas librés da infamia e da injustiça;
Quem, de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: « São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses? »

2157 Faz hoje um anno que démos conta do martyrio dos sanctos Verissimo, Maxima e Julia, e de como as ondas lançaram seus corpos para a margem

do Téjo. Agora fallaremos da sua egreja e recordações a ella annexas.

N'essa praya onde os sanctos corpos foram arrojados, os soterraram os christãos seus companheiros, erguendo-lhes uma capellinha para os velarem, e intercederem pelo conforto e perseverança dos demais fieis. E foi esta a caza unica de oração, que os moiros, successores dos godos consentiram aos de Christo.

Muitos seculos depois, tomada Lisboa pelo grande Rei D. Affonso Henriques, e informado este do patrocinio, que aos seus portuguezes déram os martyres durante o cêrco, lidou logo em lhes alevantar um templo; e assim o levou a feito; pelo que é a egreja de Sanctos-o-Velho o maior padrão de antiguidade que tem o chistianismo em Lisboa.

A famosa ordem dos cavalleiros de Sanctiago da Espada, que fôra instituida pelos Reis catholicos para varrer a Hispanha dos infieis, tambem D. Affonso a estabelecêra no seu Portugal, e lhe foi dada a egreja de Sanctos, onde esta esforçada milicia apostolica teve o seu primeiro assento, fabricando-lhe ahi elrei D. Sancho, convento para sua morada.

É sabido que aos cavalleiros de Sanctiago se deve a conquista do Algarve, capitaneados pelo célebre mestre D. Payo Peres, motivo porque o sr. Rei D. Affonso III lhes doou successivamente Alcacer do Sal e Mertola, para onde se passaram, ficando o convento de Sanctos para n'elle deixarem a recato as mulheres da sua obrigação, quando elles íam á guerra.

Depois el-Rei D. João II mandou obrar um grande convento a meio caminho de Lisboa a Enxobregas, para onde trasladou as sanctas reliquias e as commendadeiras, em solemnissima procissão, que se ficou repetindo annualmente n'este dia, precedente da Sé, com o accompanhamento do cabido e senado. E porque ficasse então devoluta a egreja de Sanctos, depois a erigiu o Sr. Cardeal rei em parochia, como até agora tem perseverado, chamando-se-lhe de Sanctos-o-Velho para o estremar d'aquelle outro novo que é hoje um pardieiro povoado de poucas e esquecidas, mas nobilissimas donas.

Taes são as millanarias memorias que hoje nos pareceu bem registar aqui, mal que pez aos que se affrontam com a poeira que hemos sacudido das Chronicas, de cujas lidas nos dâmos por bem pagos, com o agasalho que muitissimos lhes dão, porque, favor de Deus, se estâmos mui atraz dos *verdadeiros* progressos materiaes, tambem não queremos ir se quer a par dos suppostos progressos moraes.

Por isso mesmo, quanto havemos trasladado para aqui, prova evidentemente que não somos sanctificadores de *tudo* o passado, como alguns ahi são sanctifidores de *tudo* o presente.

Antonio da Silva Tullio.

O improviso, que publicâmos sob o titulo de — Coimbra —, é de um jovenissimo e premiado alumno das escholas de direito da nossa Universidade. Seria isto mais que bastante para escurecer graves defeitos poeticos, que não será para recommendar as manifestas revelações de uma predestinação litteraria. Entregue todo a estudos urgentes e positivos o Sr. Côito Monteiro não cultiva, não tem tempo para cultivar a poesia: colhe-a ao acaso, segundo em seu caminho se lhe offerece florida. Respira-lhe um momento a fragrancia: tece-a, sem cuidar, n'um ramalhate ou n'uma coroa: deixa-a ficar apóz si e esquece-a.

É um d'estes ramalhetes esquecidos, que nós levantámos para o offerecer, como bom annuncio, a nossos leitores.

COIMBRA.

Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères,
Un seul être vous manque et tout est dépeuplé
LAMARTINE.

2158 Patria minha gentil, risonha terra,
Flôr viçosa das margens odoriferas
Do placido Mondego,
Como enlevas meus olhos, como prendes
Minha alma extasiada em teus encantos!
Nobre princeza das cidades lusas
E das do mundo em gentileza, e graças
Invejada rival; salve Coimbra!
A rainha louçã, que empunha o sceptro
Das ondas Adriaticas,
Veneza decantada, a ti se rende.
Creou-te o Eterno em bonançoso dia
Co'um sorriso d'amor fadou teus mimos.
Louçã, formosa Coimbra
Linda flôr de Portugal,
Bellezas, que os Ceus te deram
Na terra não tem rival.
Por ti desce do Herminio, excelso throno,
O soberbo Mondego; esquece o berço
E corre, e corre pressuroso a vêr-te.
D'amor vencido vem beijar-te as plantas,
E de teus mimos preso a custo arrasta
Em tôrno a pura preguiçosa limpha:
Curvas-lhe a face no inquieto seio,
Carinhosa estendendo os niveos braços
Entre amenos sorrisos:
Assim virgem formosa os pés firmando
Na fulva arêa, á beira da corrente,
Alonga os braços, curva as mãos em conchas,
E as rozas banha do formoso rosto.
Grata scena d'amor, encanto de olhos,
Da natureza mystica harmonia,
Hymno eterno do Deus, que o mundo rege,
Filtras no peito divinal ternura!
Louçã, formosa Coimbra
Linda flôr de Portugal,
Bellezas, que os Ceus te deram
Na terra não tem rival.
Nas doces horas, em que o sol se inclina
Dourando apenas do horisonte as torres
Entre as verdes campinas, que te cingem,
És diamante engastado entre esmeraldas
Na prata do Mondego.
Será Veneza do que tu mais linda?!

Do mez das flôres nas caladas noites,
Quando vaga nos Ceus pálida lua,
Melancholica, e meiga, o canto escutas
Do barqueiro, que vae sulcando as aguas
Em perolas mudadas.
Dos rudes labios seus ouves-lhe as trovas,
Que já d'alumnos teus vulgara a lyra.
Assim Veneza altiva ao gondoleiro
Ouve de Tasso adulterados versos.
Será Veneza do que tu mais linda?

Bafeja a face tua amena briza
Enamorada, e pura como é puro
Suave suspirar d'um casto seio,
Que amor ignoto sente a vez primeira.
Tolda-te um céu fagueiro, e ledo, e meigo,
Qual da innocencia angelico sorriso.

Gentís donzellas, que teu campo habitam,
Que formosas, que são! que lindos olhos!
Sua voz dôce descantando alegre
Desperta n'alma enternecidos echos.
Seu mágico ademan, seu porte airoso
Não sabe arteiros, refalsados gestos.
Seus alvos dentes são de puro jaspe
Os labios de coral, de neve os seios,
Assim de neve o coração não fosse!

Moram ternas saudades gemedoras
Nos verdes salgueiraes, que as margens vestem
De teu placido rio.
Quantas vezes sosinho alli vagando
Magoas do peito suspirando exhalo!
Quantas vezes na lyra desditosa,
Em sentidas canções, em versos tristes
Chóro minha ventura!
Já de me ouvir mais triste a rôla geme,
Aprendeu-me o carpir, chora comigo,
Ouve a fonte d'Ignez minhas endeixas,
E suspiram de vêr-me os altos cedros,
Que o sitio enluctam co'os funereos ramos:
Memorias da infeliz meus ais lhe accordam.

Dôce fôra o gemer, suave a morte,
N'estes saudosos magicos retiros,
Se em compassivo peito um écho ao menos
Encontrassem meus ais, meus vãos lamentos:
Se o meu viver tão só não deslisára
N'este Eden formosissimo!......
Louçã, formosa Coimbra
Linda flôr de Portugal,
Bellezas, que os Céus te deram
Na terra não tem rival.

Coimbra 1 de maio de 1842.

A. M. Côito Monteiro.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2159 A Hispanha sem fundamento grave, e contra os principios de direito, que não toleram segunda pronuncia pelo mesmo crime, ou motivo, parece querer segunda vez pronunciar-se. Em falta de boas razões, talvez lhe sobrem pretextos.

Ameller porque foi feito da primeira vez brigadeiro, quer ser agora marechal de campo. Lembra-lhe, que tambem poderá vir a ser conde. Se o patriotismo não fosse um meio, como o servilismo e tantos outros de levar ao poder, ás honras, e ás riquezas, ¡ quão poucos patriotas haveria! O governo de Madrid publicou um manifesto em que advoga bem a sua causa, e faz propender para a sua parte a balança da justiça. Deixa porém sem defeza o ponto culminante, e principal de queixa por ter, abrindo o cofre das graças sem direito, e talvez sem precisão, excitado odios, e despeitos, e despertado ambições. Se não lessemos nas Escripturas, que Deus alumia aos que governam, disseramos, que o poderío cega o entendimento dos que o alcançam.

Gerona, e Mataró no Principado adheriram ao novo movimento revolucionario de Barcelona. Uns dizem, que a estrella da revolta quasi toca o seu occaso, outros, que vae subindo ao apogeo. Aos parlamentarios, como doctrina parece-nos assiste mais razão, que aos centralistas. ¡Os povos serão mais déspotas, que os reis! Veja-se o decreto de Gerona com data de 7 de septembro suscitando, contra os do partido contrario toda a ominosa legislação — do *que dér favor, ajuda, ou conselho.*

Nos Estados Pontificios, teem havido desordens sérias, que parece talvez se acalmem sem intervenção da caza d'Austria.

Em Napoles inventou-se um novo crime incompreensivel, o de incendiar mulheres que vão passando na rua, queimando-lhes os fattos com certo liquido, que se incendêa por si. ¡ Quem saberá dar a razão de tão horroroso invento, que recorda a camiza envenenada do centauro!

A rainha Victoria visita a côrte do rei da Belgica, e o Autocrata a do Dynasta da Prussia.

Dizem, que Othon abdica a Grecia, e que o duque de Leuctemberg occupará o seu logar. E que o principe de Siracuza vai a París pedir a soltura de Carlos, o pertendente, e o casamento do filho d'este com a herdeira de Hispanha.

PORTUGAL.

2160 Sua Magestade a Rainha vae visitar finalmente o solar de seus avós. Dizem que, no 1.º de outubro partirá para o Alemtéjo, e que de villa Viçosa ha-de regressar por Santarem. Leva comsigo a côrte, e parte do ministerio. O da Guerra, e do Reino são os ministros, que segundo se diz, a acompanham. Viaja por ver o reino, e divertir-se.

ACTOS OFFICIAES.

2161 *Diario do Governo de 20 de septembro.* — Portaria para que se faça effectiva a obrigação, que teem os navios nacionaes, de levar a malla do correio quando navegarem entre os portos do reino e provincias ultramarinas, e impondo-lhes multa no caso de elles se recusarem a isso. Venda de bens nacionaes.

Idem de 21. —Venda de bens nacionaes.

Idem de 22. — Portaria solvendo diversas dúvidas, que sobrevieram á carta de lei de 26 de julho ultimo sobre estradas. Ordem do exercito n.º 35. Ordem de pagamento de um mez ás repartições sujeitas ao ministerio do reino. Venda de bens nacionaes.

Idem de 23. — Venda de bens nacionaes.

AS FILHAS DO ESTATUARIO.

2162 Consta-nos que o beneficio feito em S. Carlos para as órphãs de Machado de Castro produziu cêrca de oitocentos mil réis. Os Administradores Civís de Coimbra e Porto, convidados pela juncta promotora d'este acto de beneficencia, para sollicitarem eguaes beneficios nas capitaes dos seus districtos, prometteram empenhar para isso todo o seu credito e influencia, logo que a melhoría dos habitantes, que a estação trazia derramada pelos campos, recolhesse á cidade. Esperámos muito das suas diligencias. — Coimbra ufana-se de ter sido o berço do Phidias portuguez, e o Porto não costuma, em lances de generosidade, ceder primazias a povoação alguma.

Professores da Academia das Bellas-Artes de Lisboa teem offerecido á juncta varias obras artisticas de suas mãos para serem rifadas, em proveito das mesmas senhoras. É de crer que os professores, que ainda o não hajam feito, se apressarão de os imitar. Finalmente podemos asseverar que o governo, que desde o principio tem dado a mão a este negocio, tenciona rematal-o com um acto, não menos justo e decoroso. — O nome de Joaquim Machado de Castro, que por um ingrato descuido faltava no seu monu-

mento do Terreiro do Paço, vae ser n'elle esculpido para a eternidade.

NECROLOGIA INDUSTRIAL.

2163 A 20 do corrente falleceu n'esta cidade o Sr. Gaspar José Marques, director do Conservatorio das Artes e Officios. — Foi uma verdadeira perda para aquelle estabelecimento. — Foi-o para os interessados na nossa industria. — E sobre tudo o foi para a sua familia, e para os seus numerosissimos amigos.

Faltam-nos por em quanto informações para escrevermos a sua biographia como cumpre, por não deixar sem paga o que se deve ao merecimento, e por evitarmos a nota, que em todos os tempos nos puzeram de descuriosos em registar, para lembrança dos vindoiros, as glorias conterrâneas. O pouquissimo, que por ora obtivemos, eil-o aqui extraído de uma carta, com que o Exm.º Sr. Silvestre Pinheiro-Ferreira responde ao que sobre este particular lhe perguntámos.

«Muito pouco poderei dizer a respeito do meu bom » amigo Gaspar José Marques.

«Tomei com elle conhecimento em Londres em 1802, » sendo elle então pensionista do govêrno, para se » aperfeiçoar na fabricação de instrumentos physicos » e mathematicos. Era muito estimado, em razão do » seu bom proceder, por seu mestre *Borge*, successor » de *Ramsden*, de quem o nosso compatriota tambem » fôra discipulo e que elle muito louvava, como me » asseverou o nosso abbade José Corrêa da Serra, en» carregado de olhar por este e outros pensionistas do » estado.

«Em 1812 (creio eu) foi chamado para o Rio de » Janeiro e posto á testa de uma repartição de instru» mentos physicos e mathematicos, até que se resol» veu a regressar para a patria (creio que em 1822); » e aqui lhe deram egual destino.

«A falta de systema nas repartiçõas a que o anne» xaram, tanto na America como na Europa, e a fal» ta ainda maior, dos meios, que lhe eram indispen» saveis para levar ao cabo os numerosos trabalhos, de » que successivamente foi incumbido, foram a causa » de elle não deixar abundantes provas do muito, que » elle era capaz de prestar á patria no vasto ramo de » industria a que se dedicava, e em que poderia ter » feito obras que fossem tão uteis ao estado, como glo» riosas para a sua reputação de artifice constructor.»

Durante a enfermidade, de que veio a fallecer, seus amigos accudiram com mão larga ao seu tractamento e á sustentação de sua caza: mais abundante de virtude e boa fama que de bens da fortuna.

No dia seguinte ao do seu fallecimento, foi levado com toda a pompa para a egreja de Sanctos e de lá para o cemiterio de N. S. dos Prazeres; sendo mais de cincoenta as seges e carruagens, em que seus amigos o acompanharam. — Consta-nos que estes mesmos tomaram a si a sustentação da viuva e orphãos do honrado e illustre portuguez; como tambem, a expensas suas, lhe haviam feito com o maior apparato os luctuosos e derradeiros officios.

Para maior realce d'este fraternal comportamento um incidente occorreu ahi, que em silencio passariamos de boa vontade, se já pela imprensa não corresse vulgarisado.

Emquanto os estranhos e seculares assim cumpriam superabundantemente uma obra de misericordia, o parocho, de quem se haviam de esperar todos os exemplos de charidade, de espirito christão e de desapêgo aos bens terrestres, resistia abertamente, a que da caza enluctada saísse o corpo para a sua ultima jazida, antes que de contado lhe pagassem umas oito moedas, pelos seus serviços de encommendação. Ainda agora lá estaria, segundo a vontade do pastor, a ovelha a apodrecer, onde caíra morta, se um dos seus bemfeitores se não promptificasse a pagar o que a viuva não tinha, e que o prior não queria dispensar.

MEDALHAS MOIRISCAS.

(Carta.)

2164 Andando em um dos dias do mez de agosto d'este anno Bernardo José de Loireiro fazendo uma excavação em uma rua dos arrabaldes da Cidade de Silves, no Reino do Algarve, encontrou a pouco mais d'um palmo de profundidade uma panellinha de barro com um pequeno orificio; a qual, sendo quebrada, viu que continha muitas moedas ou medalhas de prata, cujo numero montava a 330. D'ellas pôde alcançar tres o meu amigo o Sr. Antonio Teixeira de Seixas Braga, honrado administrador do Concelho de Lagôa, que me fez favor de m'as remetter. São eguaes estas tres; e cada uma tem meia pollegada em quadrado, da grossura da nossa moeda de tres vintens, com legendas escriptas em *arabe cufico* d'ambos os lados, bem conservadas, e em characteres distinctos, que traduzidos em portuguez significam:

Deus é nosso Senhor,
Mahomet nosso apostolo,
Mahadi nosso Soberano,
Não ha mais que um Deus
Senhor de todas as coisas
E em quem só está todo o poder.

Foi este Mahadi, segundo os historiadores arabes, um dos maiores sábios da sua lei, postoque outros o tenham por um famoso impostor. Depois de merecer grande reputação em Marrocos, sua patria, foi acabar de se aperfeiçoar no Oriente com os mestres mais célebres do seu tempo. Voltando á patria com creditos; e valendo-se da religião para os seus designios, indispôz facilmente os animos d'aquella gente ignorante contra o seu soberano, accommettendo-o principalmente por faltas de religião, e fazendo-o caír da estimação popular, não lhe dando outro nome senão o de *Cafre*. Conseguiu com isto o que pertendia; e com effeito no anno da Egira 516, ou 1122 da éra christã, foi acclamado por um seu discipulo chamado *Abdelmumen Ben Aly*, e pelos habitantes do Atlante, e mais provincias immediatas.

Morreu este usurpador no anno de 1130, tendo reinado 8 annos, nos quaes teve de sustentar varios combates contra o mesmo Aly, em que muitos venceu pela crença que fazia conceber ao seu pequeno exercito do premio que cada um receberia de Deus morrendo em uma guerra contra um *Cafre* sem religião, e pelos falsos prodigios que fingia.

Sendo pois Silves tomada pela primeira vez por elrei D. Sancho I. em septembro de 1189, póde ter-se por sem duvida ficarem alli enterradas estas moedas por esses tempos, em que se contam pouco mais de 60 annos depois que Mahadi começou a governar. Já

no anno de 1800 offereceu á Academia Real das Sciencias de Lisboa o seu socio Fr. José de Sancto Antonio Moura algumas d'estas mesmas moedas que com outras tinham sido encontradas no anno anterior na herdade da Horta das Moitas, freguezia de Sancta Cruz, Concelho de Almodovar. Não sei se todas as que agora se acharam em Silves são do mesmo tempo.

Lisboa 24 de septembro de 1843.

J. B. da Silva Lopes.

CONTRABANDO EM SOM DE GUERRA.

2165 Copiâmos da *Restauração* a seguinte carta:—

« Pela uma hora da manhã de hontem (15) se reuniram no » sitio da praya de Monte-Gordo, a meia legua de distancia » d'esta villa, para mais de 200 contrabandistas de cavallo, e » ahi violentamente fizeram sair fóra de suas cabanas os pesca- » dores d'esta praya, e os obrigaram a lançar ao mar 4 barcas » de pesca, denominadas — enviadas — e irem com ellas a bor- » do d'um navio d'alto lote, brigue, que se achava á capa a » pouca distancia da terra, e receberem do mesmo a carga de » fazendas e tabaco que conduzia; e quando se ia effectuar es- » ta descarga, appareceu proximo d'este sitio o tenente do 4.º » regimento de artilheria José Rosado, com o destacamento do » seu commando, estacionado n'esta villa, com o fim de ma- » lograr aquella tentativa; vendo porém que não poderia con- » seguir o seu fim, supposto, pelo rasto dos cavallos, o gran- » de numero dos contrabandistas, achou mais conveniente reti- » rar-se para este ponto: quando porém menos o esperava, » viu-se de repente assaltado por mais de 60, que cercando-o » o surpreenderam, fazendo-lhe entregar logo a espada e a » banda, e desarmando o destacamento, os conduziram a to- » dos para a egreja do dicto sitio e ahi os deixaram fechados á » chave, succedendo o mesmo aos empregados da alfandega e » contracto: e assim dispostos, foram proseguindo no seu de- » sembarque, quando ao nascer do sol uma das suas vedetas » lhes veio annunciar a approximação de tropa vinda de Tavi- » ra: esta força composta, segundo me informaram, de 30 ca- » çadores do 5.º, e de 32 cavallos, fez logo pôr em alarme os » contrabandistas, que montando rapidamente a cavallo, de- » pois de um pequeno tiroteio, arremeçaram-se sobre os caça- » dores, e os apreenderam a quasi todos, soffrendo logo estes » a mesma sorte d'aquelles, desarmados e fechados á chave, » carregando depois sobre a cavallaria que teve de retirar-se a » todo o galope sobre a estrada de Tavira.

« Receosos todavia elles, que se reunisse maior força, e que » fossem cortados nas gargantas da serra na sua retirada, des- » tacaram um dos seus á praya com a positiva ordem de, os » que lá se achavam protegendo o desembarque, carregarem o » que podessem, e o que restasse o fizessem reembarcar no » navio: tendo assim abandonado o projectado desembarque, » se retiraram, e o barco que elles fizeram ir ao navio condu- » zir a carga que não poderam levar, mudou de rumo, e cos- » teando veio para esta villa, aonde desembarcou varios volu- » mes, que entraram logo na alfandega.

« N'este momento acabo de ser informado que uma nova for- » ça saída de Tavira, commandada pelo coronel Bravo, encon- » trára os dictos contrabandistas no Monte das Murteiras, a meia » legua de distancia do Asinhal, e ahi os batêra, apprehenden- » do-lhes septe cavalgaduras carregadas de contrabando, entre » ellas dois cavallos de estimação, sendo morto com uma bal- » la na cabeça o cavallo em que montava o filho do barão ge- » neral do Algarve, e ferido um soldado do 5.º de caçadores.

« Agora acabo de saber que o brigue conductor do contra- » bando acaba de ser apresado pelo cahique d'esta alfandega, » e se acha na enseada da barra, esperando maré para vir » fundear no Guadiana. A saída do correio não me permitte » dizer a tal respeito os promenores da apreensão do dicto na- » vio; o que farei no proximo correio. »

ACHADA FUNEBRE.

2166 Ouvimos que na madrugada de 22 do corrente fôra encontrado, na Travessa da Palha, um bahú sem ninguem a guardal-o. Levantando-se a tampa, que não estava fechada á chave, achou-se dentro um cadaver de homem.

UM AMOR MACRÓBIO.

2167 Contam-nos, que na freguezia dos Martyres, ou em outra das circumvisinhas, fallecêra, pouco ha, com 103 annos de edade, uma dama de consideravel riqueza, que tendo ainda o seu arrojado, d'elle com tudo se esqueceu totalmente nas suas disposições testamentárias.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METÉOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE JULHO DE 1843.

2168 Temperatura média das madrugadas 62°5 F. — dicta nas horas de maior calor 84°,7 — dicta média do mez 73,6 — variação média de temperatura diurna 22,2 — maior variação de calor diurno, a 2 do mez, 31° — maior frio a 7 do mez, 55° — maior calor a 26 do mez 103° ! ! — menor altura do barómetro a 4 do mez, 754,7 millímetros — maior idem a 8 do mez 763,5 — média do mez 758,7, reduzidas á temperatura de 61° F.

Ventos dominantes, contados em meios dias — N,22 — NO,12 — O,1 — SO,2 — NE,12 — E,1 — B,8 — V,4 — Dias claros 27 — Claros e nuvens 2, — Cobertos, e alguns clarões 1 — de chuva 1 — ventosos 16, inclusivè um de tempestade do norte, no dia 9; — de calores intensos 19. — A chuva recolhida no dia 5 foi de 11 millímetros, equivalente a tres e um terço almudes por braça quadrada.

Quadras dominantes; foram seis; a 1.ª similhante á ultima do mez antecedente, permaneceu 5 dias com a temperatura fresca nos extremos do dia, e quente nas horas meridianas, céu claro, bonanças ou pequenos ventos do NO: — a 2.ª de um só dia fresco e muito chuvoso pela tarde e noite, com vento brando de SO: — a 3.ª de 5 dias frescos nas madrugadas e noites, e quentes nas horas meridianas, céu claro, ventos mui rijos do N. a NO, que se transformaram em tempestade no dia 9: — a 4.ª, de 8 dias mui quentes nas horas meridianas, ar muito secco, céu claro, e ventos mui rijos do N. e NO: — a 5.ª, de 4 dias frescos, céu claro, ar secco, e ventos mui rijos do norte: — a 6.ª e ultima de 9 dias de calores abrazadores, ventos rijos do NE, que abrandavam de tarde, com as noites por extremo abafadiças. Veja-se a noticia que dei a respeito d'esta quadra na *Revista* n.º 46 pag. 576.

Foi por conseguinte este mez extremamente quente, secco, e ventoso, excedendo ao calor médio normal, quasi dois gráus.

Phenómenos notaveis. — Desde os primeiros dias d'este mez as torrentes de chuvas, que caíram na cidade da Bahia, acompanhadas de tufões de vento do sul, e que duraram até 13, produziram uma grande catastrophe n'aquella rica cidade: um grande numero de edificios, collocados na encosta do monte, e nos bairros inferiores, foram destruidos, perdendo-se uma grande parte dos objectos, que continham, e perecendo muitos dos seus moradores. — Em 29 pelas 5 horas da madrugada um forte tremor acompanhado do trovão subterraneo, abala a cidade de Temeswar, na Hungria, derrubando algumas cazas. Este mesmo tremor foi sentido em Einenez, na Syria. — Continua-

ram a sentir-se repetidos tremores de terra na Ilha Terceira, sendo assás notaveis os de 13 e 19 do mez; porém não causaram prejuizos, além do terror, que infundiram nos habitantes.

Necrologia de Lisboa e Belém. — N'este mez de julho foram sepultados nos tres cemiterios 550 cadavares, sendo 273 do sexo masculino, e 277 do feminino; maiores 311, e menores 239. A mortalidade d'este mez, um dos menos salubres n'esta cidade, excedeu em 74 óbitos aos do mez antecedente.

M. M. Franzini.

CHOLERA.

2169 Tem-se espalhado que o temeroso contagio da *cholera morbus* recomeçou novamente em algumas partes de Portugal, e nomeadamente em Lisboa, onde já citam alguns casos de morte.

Esta falsidade deve ser por todos combatida, pois que, não existindo o mal para contra elle se tomarem providencias, o receal-o é um incómmodo, um perigo e até de certo modo uma terrivel molestia, que não ha motivo algum para se padecer.

Da *cholerina*, sim parece ter havido n'esta estação alguns exemplos, não muitos, e, rarissimos, funestos.

De Barcellos escrevem com data de 21 aos *Pobres no Porto* o seguinte: —

«Grassa aqui uma molestia a que os facultativos teem dado o nome de — Cholerina. — Pessoas que se acham bem dispostas, apparecem, a breve espaço, com vomitos, grandes solturas de ventre, contracções dolorosas dos membros, palidez, olhos encovados e magreza geral. Tendo sido bastantes os atacados d'esta molestia, nota-se que a classe indigente, quasi sempre a primeira accommettida e a que mais estragos soffre, tem até ao presente sido intacta. Dizem que é o primeiro gráu da Cholera-Morbus, e que alguns doentes, bem que poucos, teem sido tocados do segundo gráu. Até agora felizmente nenhuma das pessoas atacadas tem sido victima.»

De Villa do Conde porém nos escrevem a nós, censurando o que se acaba de ler como um tanto exagerado, mormente no capitular da molestia.

PROGRAMMA DA GAZETA DOS TRIBUNAES.

2170 No principio de octubro do anno corrente de 1843 começa a Gazeta dos Tribunaes o 3.º anno de sua publicação. Seus redactores continuarão a empregar como até agora os maiores esforços para que apresente aos leitores a instrucção e utilidade, proprias de uma tal folha, na esperança de que todos os *seus collegas advogados*, e os *magistrados das diversas instancias*, como aquelles a quem mais directamente interessa a existencia do jornal, hão-de auxiliar a redacção, já collaborando e concorrendo com valiosos escriptos e julgados, já diligenciando augmento de subscriptores, sem o que não póde ser duradoura a Gazeta, ou pelo menos attingir o gráu de perfeição, a que tem chegado nos reinos cultos da Europa as folhas do mesmo genero.

A Gazeta conterá d'aqui em diante na sua *integra toda a parte official*, que disser respeito ao *fôro*, *leis*, *decretos*, *instrucções e portarias* de execução permanente, e em *extracto* a demais toda *sem excepção de nenhuma*; e bem assim as *sentenças e accordãos mais notaveis*, *ou que estabeleçam aresto*, *que se proferirem nos differentes juizos e instancias do reino e ilhas*, de que a redacção possa ter conhecimento; e outrosim os *articulados*, *e allegações de direito* de algumas *causas mais celebres e interessantes*, e seu respectivo juizo ou analyse; *consultas de eminentes advogados*, e principalmente as *preciosissimas da benemerita* Associação dos Advogados de Lisboa; *artigos de direito e de correspondencia e polemica juridica*; *resoluções de duvidas aos* assignantes; *publicações juridicas*, *variedades ou miscellanea juridica*, onde tem logar especialmente as *causas de policia correccional*, tanto nacionaes como estrangeiras, e finalmente *annuncios*.

A Gazeta continúa a não ter côr de partido, e a ser inteiramente estranha á politica.

Á similhança do que no 1.º anno se praticou, em breve se publicará o *indice* das materias contidas no volume do 2.º anno, e se distribuirá *gratis* aos srs. assignantes. Preço das assignaturas por um anno 6$400 rs., por semestre 3$200 rs., por trimestre 1$800 rs., avulso 60 rs., annuncios por linha 40 rs.

Advertencia. — Restando ainda alguns se bem que pouquissimos exemplares da collecção do 1.º anno, d'aquelles que a empreza actual houve da antecedente, e outras da do 2.º, continuarão a vender-se já brochados, e sómente a quem de novo assignar, a 4$000 rs. por collecção de anno, e por trimestre avulso a 1$200 rs. o que corresponde a um abatimento de mais de 30 por cento — A quem não quizer assignar tambem se lhe vende a collecção de cada um anno pelo preço da assignatura annual, que são 6$400.

As assignaturas por carta, e toda a mais correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador da Gazeta dos Tribunaes — *Manuel Maria Corrêa Seabra*, no escriptorio da mesma em Lisboa, rua dos Fanqueiros n.º 82 1.º andar; ou aos seus correspondentes, no Porto, o Sr. João Pereira de Queiroz Bastos, livreiro no largo dos Loios n.º 15; em Coimbra o Sr. J. M. de Paula, na loja da imprensa da Universidade; em Faro o Sr. José Coelho de Carvalho; em Santarém o Sr. José Mendes da Costa Pedrozo; em Angra o Sr. Pedro Gonçalves Franco; no Maranhão o Sr. João Gualberto da Costa; Pará os Srs. Francisco Gaudencio da Costa & Companhia; S. Miguel o Sr. Sebastião Tudury; Pernambuco, o Sr. Francisco Severiano Rebello; Rio de Janeiro, os Srs. Sousa & Companhia.

ESPECULAÇÃO DE AMIGOS.

2171 Não nos permitte a affluencia d'outras noticias o publicarmos a que recebemos do nosso correspondente do Porto, acompanhada de todas suas considerações, aliás mui judiciosas e inspiradoras do grande zelo, e amor da patria, de que elle é verdadeiro modelo.

Rezumiremos o caso; e assim mesmo dará grande motivo ás justissimas queixas tantas vezes repetidas contra certos especuladores; e abrirá os olhos aos que os devem pôr constantemente no lastimoso estado do nosso paiz, e na fatal ruina, que já nos ameaça, e que por meios claros e encobertos nos vae minando. «Aqui foi preso (diz o nosso correspondente) no dia 23 de Agosto um moço de 15 a 16 annos de edade, que dizem ser filho do arraes da catraia dos paquetes, natural de São João da Foz, e agente de certos especuladores.... Havia elle no dia antecedente levado para bordo do paquete, que anda na carreira do sul para o norte uma avultada quantia de di-

nheiro portuguez em oiro: porém os portadores da mala das cartas, que costuma ser entregue n'este paquete quasi á hora foram, d'esta vez os que descubriram a traficancia, e o dinheiro foi appreendido, e se verificou serem uns bons dez arrateis do nosso oiro, que a não ser esta diligencia tão a tempo, já lá iriam de barra fóra para não tornarem mais. O moço fica preso, e nós anciosos de vermos em que isto virá a dar. «

Silva Negrão.

PREMIO ARTISTICO.

2172 Consta-nos que Sua Magestade Fidellissima nomeára o nosso insigne artista o Sr. Manuel Innocencio dos Sanctos, Cavalleiro da Ordem de Christo; galardoando, por este modo, o seu merito artistico.

NOVO AMARO DA LAGE.

2173 Por volta de nove horas da manhã em um dos ultimos dias atravessava as ruas da cidade um sugeito de boa presença e decente vestido. Um sorriso de sincera alegria lhe floría na bocca ao volver a vista para um embrulho de soffrivel volume, que levava debaixo do braço. Nos modos, no andar, em todo o exterior transparecia aquelle typo do negociante de segunda ordem, que a pouco e pouco a mania especuladora da épocha vae fundindo na raza despoetica do capitalista frio e quasi sem alma.

Depois de dobar pela rede baralhada de becos e travessas, de enfiar á pressa as ruas, e dobrar as esquinas parou diante de uma loja de confeiteiro, situada em local classico para os emprecendedores de façanhas golosas: tomou uma respiração larga; enxugou o suor, e já sem cautella atirou com o embrulho ao balcão interior, onde deu um som metalico capaz de o revocar á vida e á inspiração usual o defuncto *Amaro da Lage*, o maior e mais profundo especulador dos bens alheios. Todavia aquelle tinir de prata ouviu-o, com ar indifferente um individuo, que de longe media o passo pelo do honrado commerciante de trouxas d'ovos e cocada. No rosto sério apparecia o carregume de uma familia numerosa a roer-lhe n'alma: e nos trajos certo desleixo galante de homem substancial no recheio das algibeiras. Cortezia, palavras escandidas, afflautadas; o maior escrupulo nas demasias quando o engano em seu favor era de alguns réis, tudo isto juncto a certas insinuações deitadas como ao acaso, cariaram ao sugeito certa confiança do sancto do confeiteiro: o gesto afavel com que o recebeu foi uma prova manifesta.

—«Calor? am? já a esta hora está de arder!....

—«Então por cá! temos a compra do costume?

Antes de responder o sugeito esgueirou um olhar límpido, mas ardente para o balcão interior: anuviou-se-lhe um pouco o semblante, e carregou o sobrolho como quem medita lá para si. Foi acto d'um instante. O bom do vendedor de bollos na sua homerica innocencia tomou aquella reflexão, por uma natural incerteza sobre as especies, que deviam sortir o arratel de doces, que o freguez consumia hebdomadariamente.

—«São dos mesmos: e até se quizer, olhe por ser freguez, lhe posso.......

—«Hoje não! — Acudiu o outro estendendo a mão com um gesto digno de Napoleão em Waterloo—nada, os pequenos fazem-se-nos gulosos, e depois aturem-nos... Vamos, temos por ahi assucar?

—«Algum ha, sim senhor......Mostra aqui ao senhor das qualidades que temos!......

Durante este dialogo o cavalheiro manobrava com muita presença d'espirito por se avisinhar do embrulho—peçava-o com a alma nos dedos, e os dedos na vista.

—«Não me serve d'este. Olhe ahi em baixo no armazem já lh'o vi optimo, se quizesse........

—«Pois não—duas passadas; é virar a esquina! faz favor!

E ambos partiram para o armazem: o sugeito prégou um sermão contra as compras fiadas—quem não tem, não gasta—é cá a minha regra, disse elle ao bom do negociante, que lhe ía tomando já quasi tanto amor n'este terceiro ou quarto encontro, como o sábio Jonathan Oldbuck de Monckbarns ao seu phenix dos viandantes, ao seu nunca assás elogiado Lovel.

A doctrina do freguez pareceu tão orthodoxa ao vendedor, que a apoiou com todo o pêso de um aceno e de um suspiro.

Chegaram, e não estiveram em grandes questões para chegar *á razão*: o confeiteiro accommodou-se nos preços, o sugeito deu por optimo o assucar: areado para o chá—ahi umas oito arrobas—sua mulher era impertinente n'aquillo; mas á vista d'aquelle assucar não tinha que dizer. Cortou tambem por largo na quantidade de outras qualidades, e a final, metteu mão á carteira.

—«Isto são deveres bilateraes: fazenda e paga... espere, que me esqueceu!....não importa, faça-me o favor de ir pesando, que eu já volto:' não me demoro nem dois minutos.

Saiu, correu de trote á loja de confeiteiro, e disse ao caixeiro: »Teu amo manda-te ir ao armazem para lhe ajudares a pesar e assentar uma carga d'assucar, não sei para quem. Diz que chames o gallego. Eu aqui o espero, não te esqueças de o avisar!

O caixeiro enthronisou a creatura de Sanctiago ou de Tuy, e deitou até ao armazem.

—«Ouviste? disse o cavalheiro ao animal de dois pés e cachaço asinario.—Ouviste, vae alli áquella tenda traz-me um caderno de papel, para eu passar aqui uma conta;....é verdade, arranja quatro gallegos para um frete......anda, anda que tenho pressa.

O sórdido estafermo saiu: rápido como milhafre, aquella harpia, transpôz o rubicon, empolgou o embrulho, e antes do gallego voltar nem fumos de tão sublime moralista.

Desapparecêra como um corisco.

Passados minutos, quatro gallegos grunhiam encostados ao páu e corda contra o aprendiz de caixeiro, e este consolava na sua entaramelada aravia—o patrão, que ao entrar em caza, déra pela falta do embrulho,—e assim aprendêra á sua custa *a comprar com dinheiro á vista.*

O homem dos sermões furtou-lhe umas boas septenta moedas. Foi um pouco cara a licção dos deveres bilateraes; mas o sancto do negociante ainda espera em Deus arranjar-lhe outra melhor na calcêta, ou a bórdo de um navio do estado fazel-o viajar a vêr terras d'Africa, onde dilate a sua missão commercial.

Luiz Augusto Rebello da Silva.